

## Um passeio à Pedra do Leme.

Carlos Keller  
carlosgkeller@terra.com.br

---

**Resumo:** Um passeio pela orla da cidade do Rio de Janeiro pode revelar ambientes de grande beleza e nos ensinar sobre o cultivo de algumas orquídeas. No costão abrupto da Pedra do Leme cresce e floresce *Brassavola tuberculata*, sob condições de alta luminosidade e umidade constante e ótima drenagem. São feitas várias considerações sobre o cultivo da espécie. A beleza do conjunto da vegetação nativa local é inspiração para paisagistas.

**Palavras-chave:** *Brassavola tuberculata*, vegetação rupícula, Pedra do Leme.

---

**Abstract:** *A walk to Leme Rock face.* A tour along the sea-side of Rio de Janeiro city can reveal very beautiful environments and teach us about the growing conditions of some of our orchid species. On the steep rock face of Leme, *Brassavola tuberculata* grows and blooms under high light intensity, constant air humidity and good drainage. The author gives some tips about the cultivation of this species. The beauty of the local native vegetation is an inspiration for landscapers.

**Key words:** *Brassavola tuberculata*, rupicolous vegetation, Leme Rock.

---

No domingo, dia 09 de agosto, resolvi fazer um passeio de bicicleta pela ciclovia da orla carioca, seguindo até o seu final, que fica na Pedra do Leme. Leme é o canto esquerdo da praia de Copacabana (olhando-se para o mar). Ali, os últimos quarteirões de Copacabana diferem do burburinho do resto da praia e formam um bairro provinciano e bucólico chamado de Leme. O meu objetivo era ver e fotografar as touceiras de *Brassavola tuberculata* que existem no local, assim como dar uma apreciada no paisagismo natural daquele rústico habitat. A Pedra do Leme é na verdade, uma montanha de pedra encimada por uma luxuriante floresta tropical e essa pedra, ao chegar à praia de Copacabana, despenca num violento paredão vertical de rocha nua, formando um costão onde as ondas do mar passam ao largo, para quebrarem na areia da praia. Nas ressacas vindas do sul, no entanto, as ondas arrebentam contra a pedra sem cessar, chegando a carregar turistas desavisados, que circulam tirando fotos pela passarela ao longo do paredão. Muitos pescadores também já morreram afogados naquele local. Acima da passarela ficam as bromélias e as orquídeas. É impressionante de se ver como nesse local inóspito, plantas lindíssimas conseguem sobreviver e se agarrar, sem que os fortes ventos e as chuvas torrenciais as desloquem de onde estão. Na fig.1, a Pedra do Leme por inteiro, com o Forte do Leme no topo. Chega-se bem perto do paredão por uma leve subida de acesso ao patamar de onde sai a passarela que circunda a pedra (fig.2). De lá podemos ver a deslumbrante paisagem da praia de Copacabana, quando vista da passarela, tendo-se a pedra às costas.

Ao subir a pequena rampa, passa-se por um pátio onde há um quiosque de venda de comida e bebida e chega-se ao início da passarela propriamente dita. É um

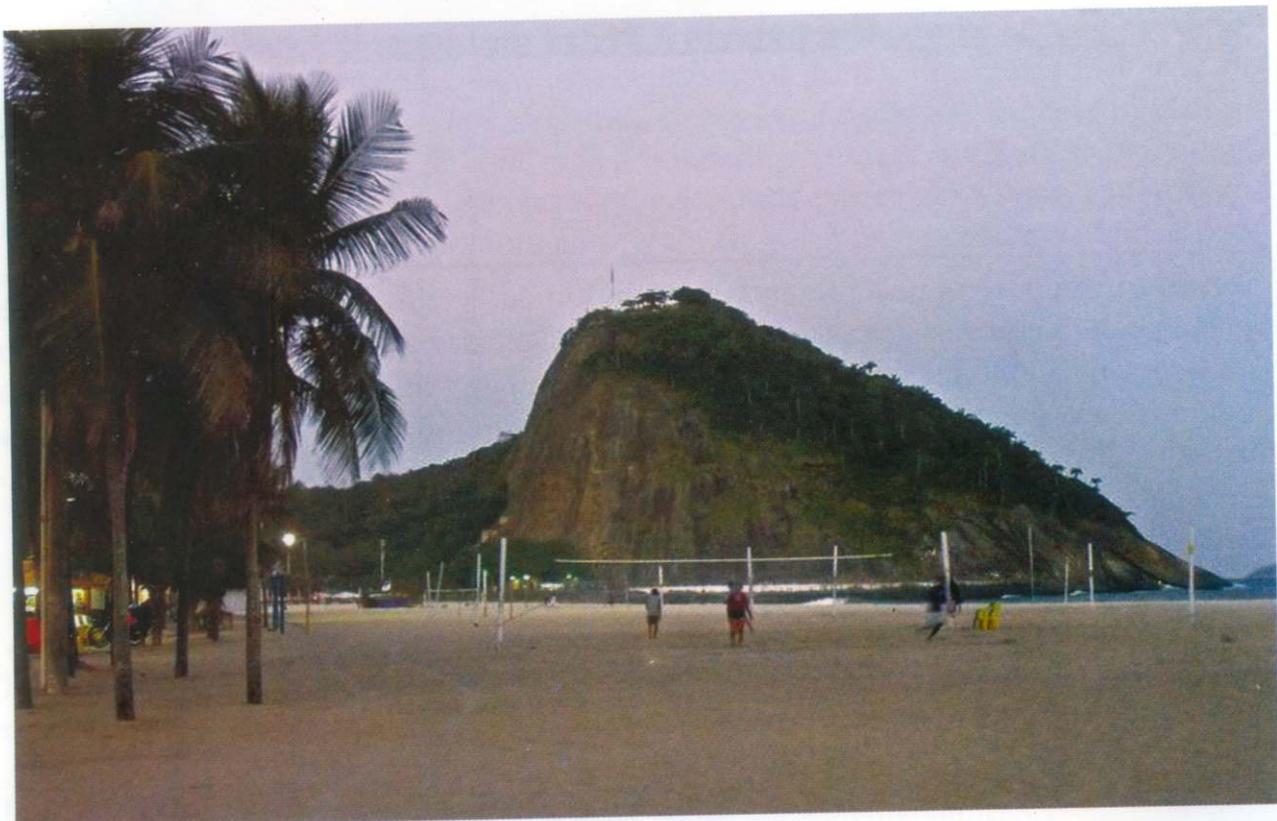


Fig. 1. Vista da Pedra do Leme. (Foto: C.Keller.)

estreito caminho ao longo da parede de pedra, o qual a contorna por um bom percurso até se acabar em nada, numa curva que já atinge o mar aberto.

No ponto exato da fig. 3, se ali você estiver e olhar para o alto, verá lindas touceiras de *Brassavola tuberculata*, além de bromélias, cactos, tillandsias e antúrios, concentrados nas depressões da rocha.

As *Brassavola tuberculata* são as touceiras cinzento-rosadas que se vê acima, com as suas folhas teretes parecidas com rabos de rato (figs.4-6). Elas provavelmente existem em condições mais favoráveis no alto da pedra e as sementes dessas plantas do alto, descem por gravidade ao longo do paredão e algumas delas acabam germinando em pequenas frestas na pedra, cheias de material orgânico acumulado.

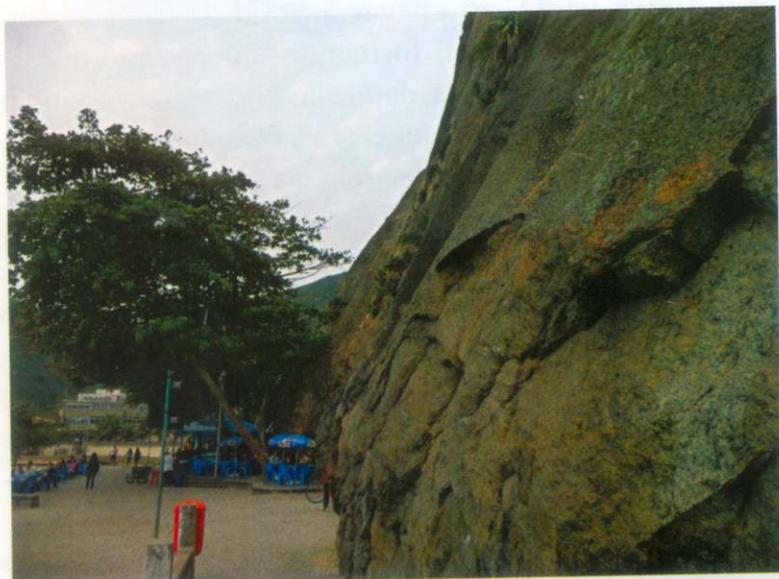


Fig. 2. Vista do início da passarela ao pé da Pedra do Leme. (Foto: C.Keller.)

Assim que uma muda pioneira se estabelece na fresta, as suas raízes vão formando uma rede por cima da pedra ao seu redor e essa rede de raízes vai agarrando o máximo possível de matéria orgânica que desce do alto da pedra, tentando fixá-la entre os seus espaços vazios. É possível ver essas raízes brancas bem nitidamente na foto Fig. 5. À medida que

nessas raízes formam-se depósitos de material orgânico, uma nova área de substrato colonizável fica à disposição da planta, propiciando o alastramento da touceira. Esta é uma boa dica de cultivo de *Brassavola*. Como vocês podem ver, as orquídeas desse gênero gostam de um ambiente muito claro, o que deixa as folhas com a cor acinzentada com nuances rosados, ao invés do costumeiro verde que conhecemos. Não se engane, no entanto, pensando que as *Brassavola* não gostam de água. O local em questão é de umidade constante, tanto a vinda do mar, quanto a trazida pelos ventos vindos do sul. Do alto, da floresta rica e luxuriante acima, após os dias de chuva e mesmo a pleno sol, desce uma espécie de chorume amarelado, cor de chá, que é na verdade água cheia de matéria orgânica em decomposição, rica em nitrogênio e outros nutrientes, água essa



Fig. 3. Paredão de pedra onde cresce *Brassavola tuberculata*. (Foto: C.Keller.)

que ao passar pelas plantas as hidrata, aduba e nutre. Dada a inclinação de quase 90 graus em que as touceiras estão, essa água por ali passa, mas não fica, de maneira que as raízes “sugam” a água que passa por elas e logo ficam novamente secas. O cultivo da *Brassavola* deve ser assim, nada de vaso com substrato dentro, nada de placa de material que retém umidade. O melhor mesmo para ela é a placa de peroba ou um galho de madeira nobre bem áspero, de preferência fixando-se a planta na vertical. Na fig.7, uma *Brassavola nodosa* ‘Susan Fuchs’ FCC/AOS, cultivada dessa maneira. As folhas estão verdes e não cinza-rosadas, pois eu talvez não tenha no orquidário a luz necessária. Não sei também se a *Brassavola nodosa* fica com as folhas da mesma cor que a *Brassavola tuberculata* quando exposta ao sol intenso.

Seja como for, acho que aquelas *Brassavola tuberculata* que vi na Pedra do Leme estão numa situação limite e embora isso propicie ocasionalmente uma boa floração, dar à sua planta condições mais amenas e uma vida mais mansa não fará mal algum. As minhas *Brassavola* são cultivadas debaixo de um sombrite de 50% e sem plástico de cobertura por cima. Dessa maneira, elas recebem o sereno da noite e a água da chuva. Por



Fig. 4. Vegetação rupícola, com touceiras de *B. tuberculata*. (Foto: C.Keller.)



Fig. 5. Touceira de *B. tuberculata*, inteiramente exposta ao sol. (Foto: C.Keller.)

mude para um adubo de composição rica em nitrogênio, como por exemplo, um 30-10-10 ou algum adubo orgânico. Na natureza, o verão corresponde à época que mais chove e, portanto, desce mais chorume nitrogenado do alto das pedras. Existem compostos com micronutrientes que são vendidos separadamente ao adubo e são muito benéficos se adicionados periodicamente à adubação.

Infelizmente na minha visita ao local, poucas foram as flores que pude fotografar e mesmo assim, as duas que estavam acessíveis, já estavam murchando (fig.8). A identificação da espécie como sendo *Brassavola tuberculata*, no entanto, foi confirmada através de excisatas de flores retiradas do local por botânicos, as quais estão depositadas no herbário do Jardim Botânico do Rio de Janeiro.

Você orquidófilo, não deve ficar obcecado pelas orquídeas à ponto de não ver as demais plantas ao seu redor. Naquele local há um verdadeiro jardim do Éden, uma enorme fonte de inspiração para qualquer paisagista. O maior paisagista que conheci, Roberto Burle Marx, residiu desde os 7 anos de idade e toda a sua juventude, a cerca de 200 metros dessa pedra, na mesma Rua Araújo Gondim em que residia o urbanista Lúcio Costa. Tenho certeza que Burle Marx colocou nos seus jardins muito do que ele viu na infância na Pedra do Leme. Isso é evidente nas suas obras. Foi Lúcio Costa quem descobriu Burle Marx, a passar a pé em frente ao jardim que o então adolescente tinha na sua casa. Impressionado com a inovadora técnica do moço, o



Fig. 6. No início de agosto poucas flores de *B. tuberculata* são visíveis. (Foto: C.Keller.)



Fig. 7. *Brassavola nodosa* 'Susan Fuchs' FCC/AOS cultivada no Rio de Janeiro. (Foto: C.Keller.)

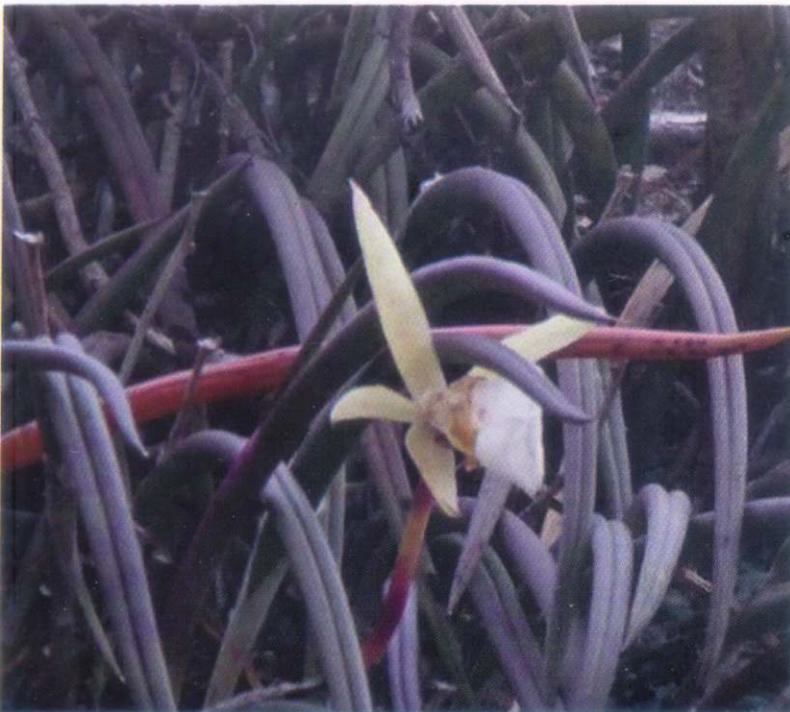


Fig. 8. Detalhe de uma flor já velha de *B. tuberculata*. (Foto: C.Keller.)

renomado urbanista o convidou para um primeiro trabalho. O resto é história... A Rua Araújo Gondim ficava bem no sopé do morro da Babilônia, que fica nos fundos do bairro do Leme e teve o seu nome mudado para Rua General Ribeiro da Costa. Hoje essa rua está quase toda engolida pela favela que existe no local.

Mostro algumas fotos dos canteiros naturais existentes na pedra. Para que vocês tenham uma idéia da beleza da natureza, mostro desde as aglomerações de *Tillandsia araujei* (fig.9), pequenas jóias incrustadas na



Fig. 9. Agrupamento da bromélia *Tillandsia araujei*. (Foto: C.Keller.)

ser vista no local é o magnífico Antúrio Imperial, *Anthurium coriaceum*. Enquanto que a maioria dos antúrios gosta de sombra, local fresco, solo fofo e um pouco de umidade nas raízes, este é daqueles que pode ficar exposto à situações de muita luz e arejamento. Uma meia sombra, no entanto, deixa as suas folhas mais largas, mais planas e sem máculas. Não se esqueça de cultivá-lo em um vaso bem apertado, pequeno para o tamanho da planta e com ótima drenagem.

Na figura 11 vocês podem ver um agrupamento de plantas com uma touceira de *Anthurium coriaceum* no centro, rodeada por *Brassavola tuberculata*, a qual está entremeada de *Tillandsia araujei*. Ao fundo, alguns cactos compõe a paisagem, num paisagismo natural que rivaliza com os melhores jardins de pedra jamais feitos (fig.12).

À medida que se sobe na montanha de pedra, a inclinação se suaviza, pois ela tem um chanfrado no alto, de maneira que os depósitos de matéria orgânica naquela área se fixam com mais facilidade e portanto, têm uma espessura



Fig. 10. População da grande bromélia *Alcantharea glaziovana*. (Foto: C.Keller.)

bem maior do que nos paredões. Isso propicia uma maior diversidade de plantas ali enraizadas e podemos ver até a presença de árvores e palmeiras. É possível ver o berço das plantas que estão no paredão vertical (fig. 13). Ao descermos a montanha, a inclinação se acentua gradativamente e quando se chega a 45 graus aproximadamente, a vegetação densa e alta vai desaparecendo aos poucos e alguns arbustos solitários começam a surgir, como por exemplo, uma espécie de quaresmeira, com folhas peludas, encimadas

rocha, até as enormes *Alcantharea glaziovana* (fig.10), bromélia nomeada em homenagem à família Alcântara e ao paisagista francês do século XIX, amigo de D. Pedro II, Auguste Glaziou (1833-1906). São dele, por exemplo, os jardins do Campo de Santana, Quinta da Boa Vista, Passeio Público e Palácio do Catete, todos existentes até hoje na cidade do Rio de Janeiro.

Uma planta também bastante interessante que pode



Fig. 11. *Anthurium coriaceum* crescendo ao lado de *B. tuberculata*. (Foto: C.Keller.)



Fig. 12. A vegetação local crescendo sobre a rocha, com cactos, bromélias e orquídeas. (Foto: C.Keller.)



Fig. 13. No alto da Pedra do Leme cresce uma vegetação de maior porte. (Foto: C.Keller.)

por lindas flores de um roxo-violeta muito forte (*Tibouchina heteromalla*). O entorno dos arbustos nesse setor da rocha é muito bonito, pois a copa desses arbustos costuma



Fig. 14. Detalhe da superfície rochosa no local. (Foto: C.Keller.)

ser bem baixa e acaba por tocar na pedra lisa, escondendo a canela da planta, a qual, assim como as patas dos pavões, não é coisa lá muito agradável de se ver. A pedra nua por si só, um lindo granito cor de mostarda entremeado de veios negros, bastaria para encher os nossos olhos de admiração (fig.14).

Chego em casa cansado, mas feliz por ter passado uma tarde tão agradável e por saber que tudo o que eu vi estará sempre ali, disponível para novas visitas. As coisas simples e baratas da vida são mesmo as mais compensadoras.